

# QUANDO BOMBAY ERA BOMBAIM

POR LUÍS PINTO GARCIA

As linhas que vão ler-se a seguir, que não são de notável interesse numismático, deve reconhecer-se, têm apenas o intuito único de salientar a existência, em moedas, da palavra portuguesa *Bombaim*, que os saxões, pouco tempo depois de ocuparem a ilha desse nome, chamaram *Bombay*, grafia toponímica que se internacionalizou com o andar dos tempos, já pela grande expansão da língua inglesa, já pela importância que a cidade do mesmo nome, muito mais tarde, veio a tomar no chamado Império da Índia Inglesa.

Mal diria o honrado Antônio de Melo de Castro, ao pisar terra industrial, precisamente na ilha de Bombaim, desembarcando numa nau de uma esquadra inglesa, em 29 de Setembro de 1662, que, não andariam três anos, teria que entregar a ilha aos Britânicos e que esta jóia do decadente império luso-indiano iria enriquecer para sempre o novo tesouro que os nossos aliados se apressuravam a reunir no Oriente.

Constituía, então, a ilha de Bombaim um dos departamentos de Baçaim. De facto, a Corte do Norte, rival de Goa, a capital do sul, estava dividida em oito distritos a saber:

Saibana de Baçaim;  
O Caçabé de Tana;  
A Ilha de Salcete;  
A Ilha de Caranja;  
A Ilha de Bellaflor de Sambaio;  
A Pragana de Manora;  
A Pragana de Asserim;  
A Ilha de Bombaim.

E tudo foi na voragem. Para começar, Bombaim, por imperativo dum contrato de casamento e, depois, o resto. Primeiramente os Maratas e, seguidamente, os Ingleses delapidaram os territórios do leão moribundo.

Os tempos corriam maus para Portugal, empobrecido pelo domínio filipino e enfraquecido por uma guerra interminável com o seu gigantesco vizinho, e no longínquo Oriente sentíamos dolorosamente as dificuldades da mãe-pátria.

Tentámos remediar os assaltos permanentes das armadas dos Estados Gerais das Províncias Unidas com uma transacção matrimonial. E nada remediámos, porquanto, nem pelos artigos secretos daquele contrato, qualquer solução prática foi dada para anular as arremetidas dos corsários holandeses.

Negociou-se uma mulher de sangue real, o vendedor deu dois milhões de cruzados, Tânger e Bombaim, e o comprador veio a herdar o resto pela mão do flamengo, um bom intermediário e um mau e efémero usufrutuário dos sacrificados bens lusos.

Enjeitaram-se, na época, responsabilidades históricas por parte dos governantes, mas honre-se a memória e o nome do governador e capitão-general da Índia de 1662, e vice-rei em 1663, D. António de Melo de Castro. Sabendo quanto era impopular a cessão desta parte do dote da princesa, uma ilegalidade que bradava aos céus, que nem pelas Cortes fôra discutida e aprovada, verificando que os futuros herdeiros de Bombaim não davam a mais pequena amostra de cumprimento daquilo a que eram obrigados, recusou-se sempre a fazer a entrega da ilha. Só o fez, de ânimo bem dorido, diga-se de passagem, quando da Corte a tanto o compeliram. E a 18 de Fevereiro de 1665 os Ingleses tomavam conta de Bombaim. Na sua carta ao rei o desgostoso vice-rei vaticinava certamente que a Índia acabaria no mesmo dia em que os Ingleses pusessem pé em Bombaim.

Que extraordinária capacidade de previsão tinha aquele notável governador!

\*

Vinham estas descoloridas linhas, como disse, a propósito de moedas inserindo o nome da palavra portuguesa *Bombaim*.

Portugal, como se sabe, nunca teve oficina monetária nessa ilha, então sem importância e subordinada a Baçaim, e foram os Ingleses, da Companhia das Índias Orientais, que montaram nela Casa de Moeda, poucos anos depois da sua ocupação. Diz-nos Gerson da Cunha que a princípio os nossos novos vizinhos imitaram a circulação portuguesa para não toparem com dificuldades comerciais, mas que, em breve, aquele importante potentado, então gozando de completa autonomia, com verdadeiros direitos de soberania, resolveu, por conta própria, emitir moeda e que, para tanto, o seu Conselho de Adminis-

tração deu instruções para o estabelecimento duma *mint*, em 1671, medida que foi, curtos anos após, sancionada pela Coroa.

Teòricamente uma cláusula da Carta Régia de 1677 concedia à toda poderosa Companhia o direito de cunhagem de que ela se arrogara, contanto que as moedas não se assemelhassem às metropolitanas. As moedas saíram com tipo absolutamente europeu, o que revela o pouco respeito que à corte de Carlos II tinham os Senhores da English East India Company. Nem respeitavam a imposição sobre o tipo monetário como demonstravam não precisar de sanção para as suas determinações, pois, parece, que se cunharam moedas de prata cerca de 1675. Só mais tarde a Companhia veio a copiar as moedas de tipo indígena. É bem conhecida a existência, que é apontada a miude pelos peritos britânicos, de uma rupia de prata de Carlos II, de Bombaim, emitida naquela data, com a conhecida legenda PAX DEO. MONETA BOMBAIENSIS, que teve emissões em anos subsequentes.

\*

Começaram os recém-ocupantes de Bombaim pela emissão de rupias de prata.

A palavra *rupia* apareceu pela primeira vez no reinado de Shir-Xá, da família de Sur, usada por este soberano para a denominação duma nova moeda redonda de prata, entre os anos de 1540 e 1545 e que se refundiu e tornou mais pura com Akbar, por alturas de 1556.

Tudo leva a crer que o termo *rupiah* não fôra usado antes do primeiro daqueles monarcas orientais. Data de 1668 o primeiro documento oficial português em que aparece a palavra *rupia*, denominando-se assim, logo a seguir, as moedas de prata de dois pardaus ou xerafins.

A inscrição da palavra *Rupia* nas numismas indo-portuguesas só appareceu, muito mais tarde, no reinado de D. José I, por 1777.

Os nossos aliados, já em 1675, ao que parece, denominavam *rupee* uma moeda de prata, cunhada na ilha de Bombaim e, três anos depois, ostentavam a dita palavra numa moeda conhecida e que veio a ser a origem desta nótula que oferecemos à consideração dos senhores numismatas.

Do sânscrito *rûpâ* — figura, imagem — ou de *rûpa* — forma, molde — , donde derivou *rûpya* — cunhado — , segundo uns, ou mais verdadeiramente, de *rûpiam* — prata — , vem o português *Rupia* e o inglês *Rupee*.

Embora significando *prata*, o que dava à expressão rupia de prata um carácter pleonástico, houve, no entanto, rupias de ouro, muito mais tarde, correndo na antiga Índia Britânica, da responsabilidade da Companhia das Índias Orientais.

A palavra *Bombaim*, que os portugueses nunca usaram em moedas e que os Ingleses ortografaram genêricamente *Bombay*, aparece numa rupia de prata de 1678, hoje pouco vulgar, e que os colecionadores ingleses e indianos estimam ter nos seus numofiláceos. Descreve-se sumariamente como segue:

No campo

THE  
RVPEE OF  
BOMBAIM

sobre duas rosas.

Na orla

1678.BY.AVTHORITY.OF.CHARLES.THE.SECOND.

R/ Armas reais inglesas.

KING.OF.GREAT.BRITAIN.E. (sic) AND.FRANCE.AND.  
IRELAND.

No futuro o nome da cidade apareceu sempre grafado *Bombay* ou simplesmente *Bomb* em moedas, verbi gratia as de estanho ou de cobre, quer em *paissás dobrados* (*double pices*) ou em *paissás singelos* (*pices*).

